

DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DA MAGIA QUE CONTAGIA: DANÇA DO CORDÃO DO AFRICANO

Kirna Karoleni Vitor Gomes¹

Resumo:

O presente ensaio, de caráter científico, tem como objetivo compreender a dança do Cordão do Africano como um marco cultural no município de São Paulo de Olivença, situado na região do Alto Rio Solimões-AM. A Dança em pauta está intrinsecamente enraizada na cultura popular do município, representando parte da Identidade Cultural e Social da Comunidade, transmitida de geração em geração, como uma prática imprescindível na história daquela comunidade. A dança foi trazida por alguns cidadãos negros que ancoraram no porto principal da Aldeia Kambeba daquela localidade, num processo de imigração para o Amazonas. Essa manifestação popular tornou-se a mais importante expressão de resistência cultural no município. É uma Dança cadenciada de acordo com os ritmos dos tambores. Seus movimentos são simples: os brincantes fazem um formato de Cordão humano. No momento da entrada, reverenciam os membros que tocam na banda, cantam canções feitas por eles mesmos. Do mesmo modo, confeccionam suas próprias vestimentas; as máscaras apresentam características físicas dos negros, ou seja, são feitas de tecido preto, no intuito de realçar os lábios grossos e avermelhados. Como subsídio teórico, a literatura antropológica norteou significativamente as noções de cultura, dança e negros na Amazônia, em contexto indígena, entre outras noções.

Palavras Chaves: dança; cultura popular; Dança do Cordão do Africano; identidade.

Introdução

“Essa é uma dança de tradição. Bateu o gambá, junta gente. E essa é a magia da dança.” (Relato do senhor Aliete Carvalho, morador do bairro São João, diário de campo, 2014).

A cultura é certamente fruto de saberes acumulados, transmitidos temporal e geograficamente. Vamos ao encontro do estudo voltado aos diferentes saberes tradicionais, como as festas populares, os ritos religiosos e as práticas culturais urbanas,

¹ Indigenista, Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS-UFAM. Experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Cultural, Antropologia da Performance e Antropologia da Amazônia Indígena. Atuando nas temáticas: Política Indígena no Alto Solimões, História e cultura Indígena e Afro-Brasileira, Festas populares em meio Urbano e História Oral e Memória. kirnavitor21@gmail.com

saberes que são transmitidos pelos indivíduos formando cadeias de relações sociais que podem ser compreendidas e analisadas pela prática antropológica.

O ensaio visa apresentar os aspectos observados durante pesquisa em campo, realizada no município de São Paulo de Olivença, Estado do Amazonas, voltada a compreensão de uma atividade festiva, e ao mesmo tempo religiosa conhecida como a *Dança do Cordão do Africano*. Essa manifestação ganhou status local, chegando a se tornar o viés principal da cultura no município.

Essa manifestação vem ocorrendo desde 1925 e desde então vem sendo transmitida por várias gerações de *paulivenses*. A dança ocorre no mês de junho e ocasionalmente em julho. Dito pelos interlocutores: “*é nesse período que o município sai da monotonia com as apresentações da dança do africano!*” É possível perceber que para os praticantes a preservação da dança significa também a manutenção de sua própria identidade. Indo mais além, afirmam que esta manifestação chega a resumir a identidade cultural do município, que pode ser visto nos dados etnográfico.

Nesse contexto, o universo cultural da representação dos negros em São Paulo de Olivença vem sendo marcado por práticas que revivem no cotidiano das famílias a memória da passagem de negros livres por aquela comunidade, ou pelo menos vivem as memórias alheias contadas num passado recente.

Embora os afrodescendentes tenham sido arrancados de seus modos de vida e de suas raízes, conseguiram, através da memória coletiva, recriar e manter parcialmente, suas práticas culturais. É através das diversas formas de recriação da cultura africana no Brasil, que se constitui o campo de estudo deste ensaio, em torno de uma dança, que tem sua origem na criatividade de cidadãos negros que passaram há pouco mais de 100 anos pelo município. A partir de então, a dança passou a fazer parte das atividades culturais da comunidade indígena Kambeba, tornando-se a mais significativa de todas.

Descrevo os aspectos observados durante a realização da dança negra, levando também em consideração alguns estudos bibliográficos, dentre outros documentos. A pesquisa revelou que muitos dos que se empenharam em manter preservada a tradição faleceram, entretanto, as novas gerações continuam praticando e aperfeiçoando, sem perder as características originais dos ritmos dos pioneiros, ou seja: “Os que nascem em São Paulo de Olivença sentem no peito o orgulho de terem como marco cultural a Dança do Cordão do africano”².

As fotografias utilizadas serviram como método de pesquisa, completando a etnografia. Considerei a fotografia um elemento essencial na elaboração do estudo

² Relato de duas professoras durante uma reunião realizada em São Paulo de Olivença, no dia 14 de agosto de 2007.

empírico, mostrando através das imagens a realidade social do grupo, incorporando uma interlocução entre sentido e significado da dança, nos bastidores e durante as apresentações.

Descrevo, a etnografia da *magia que contagia*, utilizando essa descrição proposta por Geertz (1926), como uma reflexão em torno das falas, além dos significados, das mudanças, dos gestos e também da memória, elementos primordiais que caracterizam a dança estudada.

Retalhos da História de São Paulo de Olivença

Dentro da temática amazônica, São Paulo de Olivença tem sua origem numa missão religiosa católica destinada a São Paulo Apóstolo, fundada pelo Missionário da Companhia de Jesus, Samuel Fritz, quando estava a serviço do governo espanhol no início do ano de 1689. O município tem atualmente 36.536 habitantes (IBGE/2014).

O único meio de chegar a comunidade é pelas hidrovias (1.235 km da capital Manaus). Segundo a Poliantéia³ do capuchinho Frei Domingos de Gualdo Tadino, “São Paulo de Olivença teve origem na colina à margem direita do Rio Solimões” (TADINO, 1949, p. 14), com 96 metros de altitude sendo o mais alto e o mais antigo com 135 anos de fundação da mesorregião do Alto Solimões.

A cidade está próxima da tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, contando com 73 comunidades ribeirinhas. Não há estradas que interliguem a cidade a outros municípios vizinhos. O transporte predominante é motocicleta, canoa, barco, os carros são raros e ônibus somente escolar.

Estudos históricos ressaltam que os paulivenses descendem dos indígenas Kambeba. “Mais de uma vez os indígenas mudaram-se de uma margem para outra do Rio Solimões, até se fixarem no lugar onde hoje está situada a cidade. Os Kambeba já obedeciam aos missionários espanhóis, até a chegada dos portugueses em 1750” (TADINO, 1949, p. 19).

Na história religiosa do município a presença do catolicismo foi fundamental no desenvolvimento social dos paulivenses. No dia 23 de maio de 1910, tem-se a criação da Prefeitura Apostólica, hoje Diocese do Alto Solimões, que tantos relevantes serviços têm

³ Poliantéia: Obras de um homem ilustre, organizada em sua homenagem – comemorativa das bodas de ouro sacerdotais do Revmo. Pe. Frei Domingo de Gualdo Tadino, capuchinho, fundador da missão do alto Solimões, 1949.

prestado a essa região. São Paulo de Olivença foi sede dessa circunscrição religiosa, desde a sua fundação até meados da década de 1980.

Na questão territorial Menezes (2009, p. 229) mostra que “a presença institucional da igreja e das forças armadas constitui, nessa cidade, uma base para uma rede urbana que dentre outras funções, desenvolveu um importante papel político na nacionalidade do território”.

A cidade criou seus próprios costumes, estilo de viver, suas próprias manifestações populares, seu cotidiano, constituindo então um modo de vida bem pacato e acolhedor pelos moradores. Perlman (1997, p.288) refere-se ao “modelo funcionalista ou de interação da sociedade fundamenta-se na premissa de que toda estrutura social em funcionamento baseia-se num conjunto de valores que são compartilhados pelos seus membros”.

Portanto, assim os Paulivenses passaram a praticar a dança em homenagem aos descendentes de negros que por ali passaram, com isso a dança tornou-se uma das expressões culturais mais relevante entre os moradores, na qual todos os anos é praticada.

Surgimento do Cordão do Africano

É possível refletir a Dança do Cordão do Africano a partir dos dados propostos por Eric Hobsbawm (1997), quando nos chama atenção para as *tradições inventadas*, o estudo não busca definir a origem desta manifestação cultural, apenas compreender como ela se estabeleceu na cidade, no meio urbano, analisando sua trajetória até o momento em que se torna um marco símbolo tradicional entre os moradores:

O termo tradições inventadas é utilizado num sentido amplo mas nunca indefinido. Inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizada, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisas de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBBSAWM, 1997, p. 09).

As coletas de dados tiveram a observação participante de Malinowski (1884- 1942) como eixo fundamental do estudo empírico. Malinowski foi um dos primeiros estudiosos a viver com um grupo isolado, uma das características principais deste

método é o pesquisador ter um período adequado ou suficiente de convivência com o objeto de estudo possibilitando um aprofundamento maior acerca do fenômeno.

Nessa perspectiva, a *dança do cordão do africano* se estabeleceu como uma expressão cultural por cidadãos paulivenses, que se reúnem uma vez por ano para se apresentarem pelas ruas da cidade. Relembrando os passos e ações dos seus antepassados, transmitindo aos que prestigiam a certeza que a tradição continuará de uma geração para outra. Formando um conjunto de fatores que caracterizam e originam a tradição cultural.

As vestimentas, o bater dos instrumentos, os brincantes, a máscara tudo isso foi criado pelos descendentes do povo Kambeba, numa tentativa de representar os negros livres que pelo município passaram, dançando, tocando tambores e cantando em momentos de saudades da terra natal, portanto, todos os anos moradores da cidade apresentam a dança em homenagem aos irmãos negros.

Em 2016 tive conhecimento de *um histórico* criado pelas professoras Florisbela da Silva Cardoso e Cristiane Gouvêa dos Reis, com a finalidade de registrar suas entrevistas/pesquisa, feitas com os membros da primeira e segunda geração da dança, na qual relataram através da memória para as professoras como se originou a dança do africano.

O histórico está registrado sob o Número de Ordem 441, no Livro de Protocolo A, nº 01, e registrado sob o número 654 do Livro B – 09, no Cartório de Registro Especial de Títulos e Documentos da Comarca do município de São Paulo de Olivença.

Segue alguns trechos retirados do histórico:

Por volta de 1920, o Brasil ainda dominava 97% do mercado mundial da borracha. Com a extração da borracha, no Alto Solimões, chegam os imigrantes vindos de outros estados, à procura de melhoria de vida. Homens cheios de vontade e coragem para enfrentar o seringal, as febres e os perigos da floresta. Em São Paulo de Olivença, município do Alto Solimões – Amazonas, situado à margem direita do Rio Solimões, terra de pessoas simples e humildes, que tinham como tradição as festividades do mês de junho: São João e São Paulo padroeiros do lugar. São Paulo de Olivença, na época, não tinha energia elétrica, suas ruas eram apenas caminhos que eram iluminados pela claridade das porongas. A principal economia da cidade era a extração da madeira e do látex. A agricultura e a pesca eram de subsistência.

O Rio Jandiatuba, afluente do Solimões (maior rio em extensão do Alto Solimões) abrigava um grande contingente de pessoas que vinham trabalhar na extração do látex e da madeira. Dentre elas, havia um homem, Sr. Aquidabam da Silva, antigo morador do bairro Acariazal (hoje, Santa Terezinha) em São Paulo de Olivença, que no período maior da enchente, cumpria a função de madeireiro e seringueiro no Rio Jandiatuba.

Os rios da Amazônia são utilizados como estradas, pois são as únicas vias de acessos aos municípios mais distantes. Era comum, na época, o trânsito de

grandes navios cargueiros que ancoravam no meio do rio para aguardarem os ribeirinhos em suas canoas para trocarem produtos industrializados por caça, pesca e outros.

Alguns dos marinheiros vinham até a comunidade a fim de se enamorarem das moças do lugar. Numa dessas viagens, desembarcou em São Paulo de Olivença um casal de negros com o objetivo de conhecer a cidade. Sem perceberem, perderam o horário de retorno ao navio e ficaram da grande embarcação sem ter como voltar. Como o único meio de trabalho na região era a extração da madeira e do látex, submeteram-se aos trabalhos sacrificantes no alto Jandiatuba, onde por ocasião conheceram o Sr. Aquidabam da Silva

Trabalhavam de sol a sol, madeireiros e seringalistas, conforme pedia o ofício. Num certo dia, de folga alguns em suas maqueiras⁴ (redes), assistiram entusiasmados a uma estranha dança, com um ritmo contagiante e envolvente. O som da batida já contagiava mesmo sendo improvisada em tonéis secos ou em pedaços de árvores ocas.

Em São Paulo de Olivença, residia o Sr. Athanagildo de Carvalho, morador do bairro de São João, dono de casa paterna de forró que conhecia o Sr. Aquidabam da Silva, e o mesmo relatou-lhe a admirável e contagiante “Dança dos Africanos”⁵ que conheceu no Rio Jandiatuba. Impressionado com o relato Sr. Athanagildo, resolveu fazer uma demonstração da dança em São Paulo de Olivença.

Para isso, foram criados a fim de reproduzirem o mesmo batuque relatado por seu Aquidabam da Silva alguns instrumentos confeccionados pelo mesmo juntamente com alguns moradores da época, aproveitando antigos tonéis de vinho (abarrica), madeiras e bambus. A primeira banda constituída utilizava: o gambá (tambor), a onça (tambor perfurado com uma flecha que reproduzia o som da onça), tamborim, reco-reco, caracaxá, pandeiro, maracá e cuíca.

Sob a coordenação do Sr. Aquidabam da Silva, envolveram-se: Athanagildo de Carvalho, Manoel Aparício, Agripino Lucas, Constantino, Cornélio Fermin, Venâncio Carvalho e Higino Aparício. Formando assim, a primeira geração da Dança do Cordão do Africano. A primeira apresentação do grupo deu-se por volta de 1925, na rua 24 de junho no bairro de São João.

Mais tarde sob a responsabilidade do Sr. Athanagildo de Carvalho, formam-se um novo grupo, constituindo assim a segunda geração, formada por: Paulo Carvalho, Abílio Lucas, Manoel da Silva, Silvério dos Reis, Leonardo Martins, José Reis e Felipe Reis. Com seu ritmo contagiante a dança foi mais aceita pela comunidade, que com o passar dos anos adquiria mais adeptos.

Foram dos trabalhos realizados pelas professoras, que existe um pequeno histórico sobre o surgimento da referida manifestação. A dança vem sobrevivendo há muito tempo no município, se mantém através dos passos ensinados pelos visitantes negros aos indígenas que no território já estavam.

⁴ Maqueiras: Rede tucum utilizada para embalar e descansar, hábito comum na região norte.

⁵ O nome da dança com o tempo teve adaptação para o contexto atual, os moradores acrescentaram *cordão*, pois as pessoas dançam num formado de cordão humano.

É por meio dessa tradição cultural que os paulivenses conservam: as canções populares, os mitos, as danças populares, as lendas, as crenças populares, nessa perspectiva Hobsbawm (1997):

Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição [...] e mais difícil descobrir essa origem quando as tradições tenham sido em parte inventadas, em parte desenvolvidas em grupos fechados (onde é menos provável que o processo tenha sido registrado em documentos) ou de maneira informal durante um certo período. (Hobsbawm 1997, p. 12)

Entretanto, podemos considerar que a temática sobre pesquisa antropológica, nos remete a reflexão o quanto é vasta as manifestações culturais na Amazônia, nos impulsionando a pesquisar, estudar e compreender os significados dessas manifestações, que tem como atores sociais os próprios povos indígenas.

As Gerações da Dança

Na primeira temos sob a coordenação do Sr. Aquidabam da Silva, envolveram-se: Athanagildo de Carvalho, Manoel Aparício, Agripino Lucas, Constantino, Cornélio Fermin, Venâncio Carvalho e Higino Aparício. Constituindo assim, a primeira geração da dança, suas primeiras apresentações foram por volta de 1925 pelas ruas do bairro de São João.

Prosseguindo, a segunda geração tinha como responsáveis os senhores Athanagildo de Carvalho, Paulo Carvalho, Abílio Lucas, Manoel da Silva, Silvério dos Reis, Leonardo Martins, José Reis e Felipe dos Reis, formando-se um novo grupo, deste modo, os integrantes desta geração transmitiram para seus netos e bisnetos uma próxima geração da dança cordão do africano.

Uma terceira geração se inicia sobre a responsabilidade de dois brincantes na época: Sr. Nilo Martins e Anísio Gomes dos Santos que lideravam o grupo formado por: Mário Carvalho, Cristóvão Carvalho, Teodoro Lopes, Felipe dos Reis, Antônio Carvalho e Silvério dos Reis. A dança a partir dessa geração se fortaleceu entre os moradores, e assim direcionando para se tornar um marco cultural no município.

Atualmente em sua quarta geração estão à frente, Paulo Nascimento, Aldenor Saraiva, Athanagildo Gomes, Cleiton Gomes dos Santos, Joemilson Nascimento, Amilson

Góes, Cláuber Carvalho, Omir Carvalho, Fátimo Lucas Júnior, Alcimar Balieiro, Paulo Carvalho, João Fermin, Eudes Adrião, Cléo dos Santos, Rigoberto Saraiva, Cristóvão Lucas, Flaviano Góes, Paulo Rossi Adrião e Joacir Rodrigues.

Partindo do ponto de vista, que trabalhamos com um olhar sócioantropológico, a teoria interpretativa da cultura tornou possível descrever minuciosamente o estudo, fornecendo um vasto campo de informações sobre a ação humana no universo social, assim como o papel da cultura na vida humana. A dança é uma das formas de expressão da cultura e da sociedade pelo mundo, fato este que possibilita um diálogo pertinente entre dança e antropologia. Cabe lembrar que a pesquisa sobre o cordão do africano é realizada em contexto urbano

A dança do cordão do africano é um ritmo cadenciado, de acordo com os ritmos dos tambores, com movimentos simples, onde os brincantes fazem um formato de cordão humano pelas ruas da cidade, reverenciando os que tocam na banda, cantando músicas feitas por eles mesmos, assim como confeccionam suas próprias vestimentas, suas máscaras têm as características dos negros.

Se a dança é parte de um todo maior, que é a cultura, os estudos sobre dança são também, da maior relevância para os estudos antropológicos, uma vez que oferecem elementos para a compreensão da estrutura do funcionamento do grupo que a mantém, Gonçalves e Osorio (2010, p. 16) reconhecem que “a dança era claramente tribal, com ênfase nas diferenças tribais, mas a língua e o idioma das canções e a vestimenta dos dançarinos são retirados de uma vivência urbana que tende a subjugar estas diferenças.”

Nas gerações anteriores as apresentações eram feitas nas primeiras ruas da cidade e nos fundos de quintais, os moradores eram convidavam para dançar africano. Com o desenvolvimento de S. P. de Olivença e a criação de vários bairros, o percurso das apresentações foi aumentando, e as paradas foram divididas em cinco: a primeira sai do bairro São João, a segunda passa pela Casa Paterna, a terceira vai para esquina 24 de Junho, a quarta prossegue em direção a Praça do Mirante Solimões e a quinta finaliza na Praça São Paulo Apóstolo que fica no centro da cidade.

Gostei muito de dançar como dama numa época em que todos não me reconheceram. Queriam que eu tirasse a máscara. Me dirigir ao Sr. Athanagildo e o mesmo me concedeu dizendo que podia tirar. Todos ficaram admirados, pois eu estava bem trajado e não imaginavam que era eu. Aquilo ficou na história, pois era a última vez que dancei (Lindberg da Costa Vieira/2014).

A dança do africano teve várias gerações, tendo como pioneiros os senhores Aquidaban, que passou para o senhor Atanagildo, que passou para o senhor Manoel Martins, que passou para o senhor Nilo Martins, fazendo com que a tradição cultural não se perdesse, e que os moradores a mantenham viva entre eles.

A Dança

Seus movimentos são de acordo com o ritmo dos tambores. Não há nenhuma relação com outras danças oficiais na região do Alto Solimões, há uma ênfase muito grande nos movimentos dos pés e no giro do corpo. Todos dançam em um movimento que ocupa o espaço circular. Eles dançam com tênis ou de sapato social, a dança atrai multidões.

Geertz “afirma que a cultura é composta de estrutura psicológica por meio das quais os indivíduos ou grupo de indivíduos guiam seu comportamento”. São nessas atividades de interpretação que o pesquisador acaba estabelecendo relações sociais com o grupo.

O amo do cordão convidava os brincantes em suas casas e marcava os ensaios para verificar a habilidade de dançar de cada um. O chefe pedia aos brincantes responsabilidade e organização, fazendo a seleção dos mesmos para apresentação, os brincantes eram proibidos de identificarem-se retirarem suas máscaras durante as apresentações na época, atualmente na quarta geração ainda se tem essa proibição de levantar a máscara na hora que estão dançando. Segundo Mauss (2003, p. 407) “Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral”.

No período de julho (2014), ouve-se a batida dos tambores às 12:00 e 18:00hs, a ação simboliza, que nesse dia haveria cordão africano pelas ruas da cidade, com isso os moradores que iriam dançar, começavam a organizar sua vestimenta para a noite. Os responsáveis pelos tambores, têm que testá-los, plainar o coro do tambor sob o sol, e passar o som para testar à afinação, para que na hora da festa nada ocorra de errado.

A dança toma forma através de movimentos rítmicos controlados, escolhidos com um objetivo preciso; o resultado de tal atividade é aceito enquanto dança, tanto pelo dançarino quanto pelos membros de um grupo determinado observando a situação (Kealiinohomoku, 1976, p. 25 *Apud* Kaeppler, 1997 [1978], p. 28).

Os membros e brincantes são os próprios moradores da comunidade, que juntos compartilham deste mesmo envolvimento rítmico dançante. Durante o ritual uma das normas estabelecidas na geração atual, é dançar e não tirar suas máscaras, não se identificar aos indivíduos que prestigiam nas margens da rua.

Benedict (1934, p.15) ressalta que “desde que o indivíduo vem ao mundo os costumes do ambiente em que nasceu moldam a sua experiência dos factos e a sua conduta. Quando começa a falar ele é o frutozinho da sua cultura, e quando crescido e capaz de tomar parte nas atividades desta, os hábitos dela são os seus hábitos, as crenças dela as suas crenças, as incapacidades dela as suas incapacidades”.

Na apresentação que ocorreu em frente à praça mirante, no dia vinte e três de julho, observei ao fundo de uma casa, um grupo de jovens se vestindo, para dançar africano, naquele momento de bagunça dos garotos (risos), me aproximei, e lhes fiz a seguinte pergunta: Por que não tiram a máscara na hora que estão dançando? Um deles me respondeu rindo bastante:

Porque não é permitido, e também a gente acha engraçado ficar vendo as pessoas tentando descobrir, quem é aquele dançando, é engraçado isso pra nós (risos).

A dança é esplendorosa, por sua diversidade simbólica e pra quem assiste emociona ao ponto de sentir vontade de dançar, assim como, desperta a curiosidade para saber quem está por detrás das máscaras, se é homem, mulher, indígena, negro, alguém da família ou amigo. Além disso o bater dos tambores é diferente de outras expressões culturais que utilizam esse instrumento. Portanto, só quem está ali apreciando a dança sente a adrenalina e o ar de mistério contagiante desse som e ritmo envolvente.

Nas apresentações da primeira e segunda gerações, os mais antigos tinham o costume de antes de iniciarem suas apresentações tomarem uns goles de cachaça para poderem aguentar o percurso da dança, coisa que não mudou muito nas gerações atuais. Era também servido chocolate quente com biscoitos quebra dente⁶ nas instalações da casa paterna, segundo relatos dos moradores, serviam principalmente para aqueles que estavam presentes nos momentos de apresentação dos casais vestidos de africano.

⁶ Biscoito quebra dente: biscoito feito de massa de goma com sal, depois frito e posto para assar no forno até ficar bem duro, por isso o nome é biscoito quebra dente por ser muito duro na hora de comer chegando ao ponde de quebra os dentes, geralmente feito pelas mulheres do bairro São João.

Atualmente, na quarta geração, não serve os biscoitos para os que dançam, somente nos dias de ritual de *tiração*⁷, levantamento e derrubamento do mastro. Nesse contexto, o Antropólogo Britânico Gluckman (1987) para se analisar grupos é importante está atento a situações de mudança rápida.

Consiste em tomar uma série de incidentes específicos ligados às mesmas pessoas ou grupos no decorrer de um período e demonstrar como esses incidentes, esses casos, se relacionam com o desenvolvimento e a mudança das relações sociais entre essas pessoas, agindo no quadro de sua cultura e do seu sistema social (Gluckman, p.68).

Os paulivenses têm a dança como parte da identidade cultural e social, sua influência se tornou entre os moradores, principalmente os do bairro São João, a maneira de expressarem seus valores sociais, culturais e seu cotidiano local, com o passar das gerações a dança do africano se tornava uma das mais tradicionais no município.

Portanto, a dança do africano proporciona aos paulivenses terem como identidade cultural e social essa manifestação popular, e recebem dos moradores o reconhecimento da sua existência ao longo das gerações, atraindo pessoas de outros bairros, comunidades vizinhas, e até mesmo de Manaus, para dançarem e prestigiarem a dança de representação negra.

Mesmo próximo a tanta modernidade a dança do africano mantém a estrutura deixada pelos pioneiros da manifestação, enraizada na história do povo essa união se vislumbra no período de junho e julho, na qual o grupo manifesta a sua existência.

As Roupas da Dança

As vestimentas são confeccionadas pelos próprios brincantes, são feitas de lençóis velhos e tecidos coloridos, alguns homens e mulheres se vestem de paletó e vestidos floridos, o enchimento das roupas na frente e atrás são feitos com folhas de bananeira seca.

⁷ *Tiração*: É uma procissão de devotos, que vão caminhando em direção a floresta, para retirarem o tronco de uma árvore que será utilizado num ritual religioso em homenagem a um determinado santo católico, o mastro é trazido pelos devotos em seus ombros carregando pelas ruas da cidade até seu local de levantamento.

Os Cavalheiros: além da vestimenta levam sobre a cabeça uma armação de talo de arumã⁸, coberta com algodão e sobre o algodão carrapicho⁹. Máscara negra feita de tecido preto com lábios carnudos e avermelhados. Levam nas mãos remo e bengalinhas. **As Damas:** vestido algodão florido ou lençóis velhos, com a máscara negra com lenço branco amarrado na cabeça. Algumas delas representando mulheres negras grávidas, nas mãos carregam bonecas, sombrinhas e cestas de arumã.

“É a única dança que chama a atenção. Meu pai dizia: Hoje tem africano, até os aleijados vão sair para assistir.” (Adalberto Lúcio/2015).

Marcel Mauss (2003) no ensaio sobre as técnicas do corpo, reflete que o indivíduo que dança incorpora uma atitude diferente da vida cotidiana, pois aquele que dança deve se comportar conforme a performance da dança do africano, incorporando aquele casal de negro que desembarcou em S. P. de Olivença, “O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros”. (MAUSS, 2003, p. 405)

As roupas são confeccionadas nas casas dos brincantes, e quando as roupas rasgam, são consertadas nas beiras das ruas e praças, as vestimentas retratam como os primeiros membros se arrumavam, os homens com seus ternos alinhados demonstram a figura masculina de uma classe social da época.

Máscara

Na primeira geração, os brincantes pintavam o rosto com tinta preta para dar forma à pele do negro. Com o passar do tempo se tornou mais prático o uso de máscaras, brincantes relatam que a máscara negra esquentava muito apesar da facilidade. “Aliás, a presença ou a ausência da máscara são antes traços da arbitrariedade social, histórica, cultural, como foi dito, do que traços fundamentais” (MAUSS, 2003, p. 381).

A máscara é feita de tecido preto para destacar a cor do negro, os olhos são feitos de tecido branco, e a boca de tecido vermelho enrolado e colado no tecido preto para realçar os lábios grossos e avermelhados dos negros, o cabelo é feito com algodão e carrapicho para dar efeito mais natural e próximo ao cabelo do negro, “máscaras que são bastante específicas das festas” (MAUSS, 2003, p. 204)

⁸ Arumã: é o nome de uma espécie de planta da Amazônia, utiliza por tribos indígenas para fazer cestas.

⁹ Carrapicho: planta espinhosa as quais aderem facilmente a roupa do homem e à pele de animais.

Evans-Pritchard, em seu texto *Os Nuer*, ajuda a refletir, que além da tradição, o horizonte do mito é sempre visto na mesma perspectiva temporal, os mitos explicam costumes de significados social geral, mas do que as inter-relações entre segmentos determinados, e não são, portadores, estruturalmente estratificados.

As explicações de quaisquer qualidades da natureza ou da cultura são extraídas desse ambiente intelectual, que impõem limitações no mundo Nuer, tornando-o fechado sobre si mesmo e inteiramente inteligível para os Nuer no relacionamento de suas partes. O mundo, os povos e as culturas existem, todos juntos, a partir do mesmo passado remoto.

A máscara se torna entre os moradores o eixo central da manifestação cultural, compreendo que sem a máscara não haveria dança. Nessa perspectiva Mauss (2003, p. 385) ressalta que “é mais do que um elemento de organização, mais do que um nome ou o direito a um personagem é uma máscara ritual, ela é um fato fundamental do direito.” Portanto, a máscara é a ligação do indivíduo que dança, com os personagens que aparecem no ritual cultural.

Personagens da Dança

O africano de dois ou mais é o personagem principal na roda do cordão, dança com braços entrelaçados, saindo de sua voz um grito com som diferente, simbolizando o domínio do espaço na roda, quando outros casais de africano entram na roda do ritual.

Onça: é confeccionado de talo de arumã, coberta com estopilhas com acabamento manual de tinta, trazendo em seu rabo vários espinhos de “mara-mara”, para afastar o público do cordão, com intuito de obter mais espaço para outros personagens dançarem na roda do africano. Durante o ritual surgem duas onças, a preta e a pintada. Com o tempo seres míticos da cultura indígena foram sendo introduzidos na roda do cordão.

Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade um amplo repertório deste elemento; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicação simbólicas. (HOBBSAWM, 1997, p. 14)

Macaco: confeccionado com saca de fibra, costurado a mão. Carregando sempre um ouriço de castanha aberto que são batidos. Também usam máscara branca, é

apresentado por crianças na roda do cordão do africano, entram aglomeradas gritando, fazendo uma roda em volta do currupira.

A Dança do Africano é a cultura deixada pelos veteranos para essa geração. Quando bate o tambor todo mundo sai. (Adamor Carvalho/ 2015)

Curupira: todo em folhas de bacabeiras para serem mais resistentes, trazendo em sua mão um gancho posicionado contrário para onde anda, com seu gancho saem da roda batendo no chão, com a postura de passar medo ao que prestigiam.

Bicho Folharal ou Mãe do Mato: amarrado de grandes palmeiras que cobrem a cabeça aos pés sem aparecer nada, abençoa a todos os personagens durante o envolvimento final da dança. Portanto, esses personagens são inseridos pelos pioneiros Athanagildo e Aquidabam, com a intenção de deixa-lá mais atraente aos paulivenses. Com o passar das gerações a dança recebeu outros personagens.

Destacamos o surgimento de personagens que aparecem na terceira geração, com intuito de deixá-la muito mais diferente nos dias de sua apresentação, os quais são:

Ana Rita: representando o encanto da floresta, pela condição da natureza em seu poder transformador que traz Ana Rita já transfigurada em “Curupira” mito lendário da região amazônica, grande protetor dos animais e da floresta.

Marinheiro: Representa a paixão da menina moça pelo viajante.

Mulatinha: A mucama – aquela que cuida, zela e dedica seus serviços ao patrão.

Samba lê lê: Representando todas as moléstias do lugar e da época.

Catirina: Retrata a sinhá sempre apaixonada. São esses personagens que diferenciam a manifestação de outro que existem na comunidade, mesmo tendo seres míticos da cultura indígena presentes, os moradores informam, a quem lhes perguntarem que a dança do africano não descende de grupos indígenas, mas do casal de negros que desembarcou da grande embarcação no município em tempos remotos.

Música do Cordão do Africano

A música foi composta pelos brincantes da primeira geração, os versos na maioria das vezes eram criados durante as apresentações. Aos poucos ela se adaptava à realidade amazonense, retratando o cotidiano caboclo. Formada por quarenta e quatro

(44) versos, pelo Melo da Onça com sete (7) versos e finalizando a dança com os versos de saída. A música é cantada por homens e mulheres da banda, que ficam à margem do espaço onde ocorre a dança. Os cânticos remetem-se ao ritual de trabalho dos africanos e caboclos, tanto quanto descrevem os personagens que vão entrando na roda do africano. São relatos do imaginário e cotidiano caboclo, com um ritmo contagiante e envolvente.

(Verso de Entrada)

Vamos ralar, vamos ralar.

Mandioca está dura

Vamos ralar

III

Dança, dança meus neguinhos

Dancem pedindo licença

É o cordão do africano

De São Paulo de Olivença

V

No Amazonas tem um peixe

Chamado aruanã

De dia mata mutuca

De noite carapanã

Todos os versos segundo os moradores relembram os primeiros pioneiros da dança, desta forma continuam transmitindo os ensinamentos dos primeiros brincantes para as gerações atuais.

Neste sentido, definimos como hipótese de trabalho o fato de que elementos musicais de matriz africana se incorporam a elementos indígenas de língua tupi e de crença do catolicismo ibérico, constituindo assim estruturas históricas de longa duração encontradas em festas religiosas e populares da Amazônia. (BRAGA, 2011, p. 159)

“Quando eu dizia para o meu avô que ia bater o gambá, ele dava maior força. Isso eu nunca vou me esquecer” (Cléo dos Santos da Silva/2007). Assim os versos seguem, sendo cantados com as batidas dos instrumentos dando à grande euforia que ela proporciona aos que assistem.

Os Instrumentos

Os instrumentos foram criados com a finalidade de reproduzirem o mesmo batuque relatado por seu Aquidabam da Silva, alguns moradores da época, aproveitando antigos tonéis de vinho, madeiras e bambus para criação dos primeiros instrumentos. Usam-se baquetas e as mãos dos músicos para produzir sons. A primeira banda constituía de 14 músicos. “O tambor puxa para fora de casa até quem está doente.” (Lausdelino Cândido/2007). “A Dança do Africano é a cultura deixada pelos veteranos para essa geração. Quando bate o tambor todo mundo sai”. (Adamor carvalho/2007).

Notamos que o instrumento gambá está presente em outras manifestações culturais existentes no estado. Como descreve Braga (2011):

Na antiga vila de Serpa, hoje Itacoatiara, no ano de 1848, à época do natal, Heryn Walter Bates (1979[1863]: 123-124) presenciou um batuque de negros devotos a São Benedito. Nas palavras do autor: os negros devotos de um santo que tinha a sua cor – S. Benedito – fizeram sua festa à parte e passaram a noite toda tocando e dançando ao compasso de um tambor oco, fechado numa das extremidades por um couro esticado; era colocado horizontal no chão, e o tocador montava nele, percutindo-o com os nós dos dedos. (p. 164)

Identifiquei durante as apresentações da dança do africano a semelhança dos instrumentos utilizados pelos membros da banda, como o gambá citados nos trabalhos de Braga (2011):

Não seria demais inferior que a “dança do gambá” de matrizes africanas e praticada inicialmente por negros na Amazônia, toma como referência um instrumento musical confeccionado em tronco de madeira com membrana em uma das extremidades, que além de ser percutido com as mãos quem batem no próprio couro, o instrumento também é golpeado por um segundo tocador igualmente sentado no tronco que percute o instrumento batendo no tronco apoiando no chão (BRAGA, 2011, p.165).

Neste contexto, desde a primeira geração até a contemporânea se prevalecia a batida dos tambores conduzindo o cordão do africano. Com isso, pretendo trazer uma pequena contribuição para a difusão cultural sobre a dança do cordão do africano, realizada, organizada e mantida por pessoas amazonenses, que fazem parte de uma camada social privilegiada, e ao mesmo tempo traz para o ambiente acadêmico o reconhecimento dela, assim como propõem reflexões e debates acerca de manifestações culturais populares existentes no alto Solimões.

É bom saber que hoje outros continuam no mesmo ritmo de seus antepassados. É mais uma confirmação de que a animação em se apresentar esta dança jamais se acabará, isto enquanto palpitar nos corações dos paulivenses a certeza de que nem o tempo, nem o modernismo suplantarão aquilo que está entranhado nas experiências de seu povo: a força viva de sua história e de sua tradição (Rossini Coelho/2014).

Considerações Finais

O que se pretendeu por meio deste enfoque foi a compreensão da realidade coletiva cotidiana em que se desenvolve as interações dos grupos humanos. O estudo pioneiro é uma manifestação cultural, demarcada territorialmente pelo coletiva local, como também uma tradição representativa para toda comunidade. O que se pretendeu por meio do estudo, foi compreender a resistência da manifestação cultural, e como durante suas gerações se tornou um marco na identidade cultural entre os paulivenses.

É necessário dizer que o Cordão do Africano embeleza São Paulo de Olivença, enriquece sua cultura e é um marco símbolo da rede de saberes e sentidos culturais que constituem o ser caboclo, ribeirinho, amazonense, culturas, povos, religiões que são tecidos no cordão do africano. Nela se observa um vestígio da cultura que ao mudarem se enriquecem e se fortalecem e a cada novo agregado, a firmeza da sua tradição se aumenta.

A dança tem sempre uma memória ancestral ligadas no tempo, quem em seus passos e gestos dançantes definem a identidade cultural, recriando e revivendo, a cada momento e em cada movimento sua história, criando uma nova realidade. Portanto, além dos aspectos estéticos e da riqueza da Dança do Africano, essa experiência nos deu a oportunidade de conviver, mesmo sendo por um curto período de tempo, com seres humanos que possuem uma identidade cultural forte e vibrante, e que valorizam suas raízes históricas culturais, as mantendo forte entre o grupo.

Referências

- BRAGA, Sergio Ivan Gil (Org.), *Cultura popular, patrimônio imaterial e cidade / Sergio Ivan Gil Braga – Manaus*. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- CARDOSO, Florisbela da Silva. REIS, Cristina Gouveia dos – Revisores: AZEVEDO, Karla Patrícia Barros de. BATALHA, Paulo. *Histórico da Dança Cordão do Africano*. São Paulo de Olivença, 2007.
- CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes. *Antropologia da Dança: um campo teórico e metodológico em consolidação, no Brasil*. Belém: UFPA; Professora Adjunta - VI Reunião Científica da ABRACE, Porto Alegre – 2011
- EVANS-PRITCHARD, E.. *Os Nuer: uma descrição do modelo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota/ Evans – Pritchard; tradução Ana M Golderger Coelho*. – São Paulo, 2013
- GEERTZ, Clifford, *A interpretação das culturas / Clifford Geertz*. - ed. IS. reimpr. - Rio de Janeiro, 1926.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna.. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987
- GOMES, Kirna Karoleni Vitor O Cordão do Africano: Representações de Negros no Município de São Paulo de Olivença - Am. / Kirna Karoleni Vitor Gomes / 2017.105 fls
- HOBBSAWM, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo* _____sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura e outros ensaios*. Lisboa: Ed 70, 1997.
- _____Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo, abril de 1976.
- MITCHELL, Clyde. A questão da quantificação em antropologia social. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.
- PERLMAN, Janice (1977) O mito da marginalidade. Rio de Janeiro, Ed.Paz e Terra.
- TADINO, Frei Domingos de Gualdo, *POLIANTÉIA Homenagem ao Benemérito*. Manaus. 1949.
- VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

Figuras

Figura 01: Personagens da dança, casais negro africanos, homens e mulheres vestidos a caráter como exige a roda do cordão do africano. A dança do africano é uma manifestação cultural popular, performática e adaptada para o cotidiano local urbano dos paulivenses. A vestimenta dos dançantes se destaca pelo colorido diverso. Os brincantes quando estão dançando, sempre levam bonecos, remos e bengalas nas mãos. Os instrumentos levam nas pinturas clãs indígenas, como a onça.



Fonte: GOMES, Kirna, Junho 2014, São Paulo de Olivença-AM

Figura 2



Figura 3: São Paulo de Olivença, quando era apenas uma vila habitada pelos Kambeba, observa-se as primeiras obras realizadas pelos missionários capuchinhos, como o escadão, a igreja São Paulo Apóstolo, a comunidade tinha poucas casas, estava em pleno desenvolvimento.



Fonte: Imagens dos arquivo do Professor Antônio Balieiro. Junho, 2012

Figura 4: Membros da 1ª, 2ª e 3ª geração do Cordão Africano.



Fonte: FUNDAP, 2007.

Figura 5: Membros do cordão do africano, dançando em frente à Praça Mirante, moradores prestigiam a roda do cordão do africano, logo seguem descendo a ladeira, até a casa paterna de forro.



Fonte: GOMES, Junho 2014.

Figura 6: Esse momento ocorreu na frente da casa dos Padres, bem no centro da cidade. Na roda do cordão, serem míticos da cultura indígena, como os macacos, a onça e o bicho folhara vão aparecendo, adaptada ao cotidiano caboco, a dança mostra a presença das diversas culturais se entrelaçando, negros e indígenas.



Fonte: Gomes 2015 em S. P. de Olivença

Figura 7: Personagens de casais de africanos, de três vestidos para dançar.



Fonte: Gomes 2015 em S. P. de Olivença

Figura 8: Máscara da dança do cordão do africano



Fonte: Gomes 2015 em S. P. de Olivença

Figura 9: Bicho Folharal ou Mãe do Mato, na roda do cordão do africano



Figura 10: Instrumentos da banda do cordão do africano, com pinturas da floresta, animais e a representação do negro.



Fonte: Gomes, Junho 2014